

Candidatos dividem. E o rock une

Divididos quanto à escolha do candidato, mas unidos pelo som alto do **rock** que invadia toda a escola, os alunos do Elefante Branco ignoraram a chuva para eleger ontem o novo diretor. O clima de descontração era idêntico no estabelecimento vizinho, a Escola Normal, onde os estudantes não dispensaram o trabalho de "boca de urna", na tentativa de angariar mais votos. Na Asa Norte, porém, a animação era bem menor e pela manhã nem havia filas. Já na Vila Paranoá, o Centro de Ensino de 1º Grau esbanjava muita organização.

Em comum, as escolas visitadas tinham apenas um ponto: todas acreditavam ser inviável o término dos trabalhos antes das 20h, horário limite estipulado pelo regulamento. Mas, animados, os professores integrantes das comissões eleitorais não pareciam preocupados com eventuais atrasos. Pelo contrário: Diziam-se satisfeitos por finalmente poderem exercer de fato uma das reivindicações atendidas durante o último movimento da categoria.

PECULIARIDADES

Atendendo às próprias estruturas e, sobretudo, às faixas etárias dos alunos, cada escola montou um esquema isolado, sempre obedecendo à regulamentação geral. Por suas peculiaridades marcantes, por exemplo, a comissão organizadora das eleições do Paranoá passou três semanas esquematizando um projeto detalhado, dividindo os 2 mil 800 eleitores em três seções.

Segundo o presidente da comissão, professor Affonso Tino Cozzolino, o primeiro passo foi realizar um levantamento dos alunos maiores de 14 anos — que poderiam votar sozinhos — e daqueles a serem representados por pais ou responsáveis. Pouco após as urnas serem

abertas — pontualmente às 9h — já era possível notar que o trabalho dera certo. E que os dois candidatos — o atual diretor, Jadir Soares Reis, e o diretor sindical Manoel Augusto Santos — não se preocupariam com a legitimidade da eleição.

Mesmo com todo este esquema, a previsão inicial era a de que as atividades só seriam concluídas à noite. Inclusive porque vários professores daquele estabelecimento são adventistas e anunciaram previamente que só iriam votar após o pôr-do-sol. Ao chegarem à escola, os alunos apresentavam uma declaração que funcionava como título de eleitor para adquirir a cédula eleitoral. Os pais com mais de um filho no estabelecimento tinham direito a apenas um voto.

E para que não surgissem dúvidas posteriores, as pastas dos mesários já continham todas as especificações necessárias. Os números dos estudantes menores eram circulados, os dos maiores levavam um risco e os dos filhos de pais diferentes recebiam outro tratamento. Para evitar tumultos, a comissão requisitou a presença da Polícia Militar, solicitando ainda suprimento de água aos bombeiros. Em cada seção, fiscais das duas chapas acompanhavam os trabalhos.

FLUXO NORMAL

O movimento na Asa Norte estava visivelmente pequeno. De qualquer forma, as comissões organizadoras do Centro Educacional CAN e do Giso, garantiram que antes da chuva o fluxo de alunos fora normal. E aguardavam um grande número de eleitores durante o resto do dia. O presidente da comissão do CAN, professor Laerte Lima, contou que duas candidatas — a ex-diretora Orieta Porto, afastada após o movimento grevista de abril de 1987, e a

professora Beatriz de Oliveira — disputavam os votos dos 1 mil 160 eleitores.

Pouquíssimos dos mil estudantes — todos cursando a 7ª e 8ª séries ou 2º Grau — seriam representados pelos pais, conforme Laerte Lima. A situação era a mesma no Giso, onde 1 mil 37 pessoas — sendo 930 alunos — gradativamente depositavam suas cédulas na seção única. Só que não havia necessidade de campanha de boca de urna, como ocorreu discretamente no CAN, uma vez que a candidata Antonieta Braga enfrentava apenas os votos nulos e os brancos.

Do outro lado do Plano Piloto, num sensível contraste, tudo era festa. Logo na entrada da Escola Normal dava para sentir o clima eleitoral, com vários estudantes e professores vestindo camisetas de suas chapas, além de inúmeros cartazes enfeitando a cerca do estabelecimento. Ansiosos, os cabos eleitorais tentavam convencer os indecisos e ensiná-los como preencher a cédula corretamente.

Os eleitores, boa parte pais representando as crianças menores de 14 anos, porém, sempre ressaltavam o sigilo do voto. "Vamos esperar os resultados", disse uma aluna. A estimativa era a de que 3 mil estudantes fossem às urnas, elegendo a professora Virginia Brandão, atual diretora, ou o professor Júlio Horta ao cargo.

Mas foi no Elefante Branco que o clima estava mais contagiante. E por um motivo especial: coincidentemente ontem também era dia de formatura de 580 alunos do 2º Grau. Os eleitores, contudo, mostravam-se muito divididos, evidenciando que o atual diretor, professor Roldão Sales, e a representante da chapa 1, professora Inês Bettoni, certamente passariam momentos de muita expectativa antes da contagem final dos votos.